

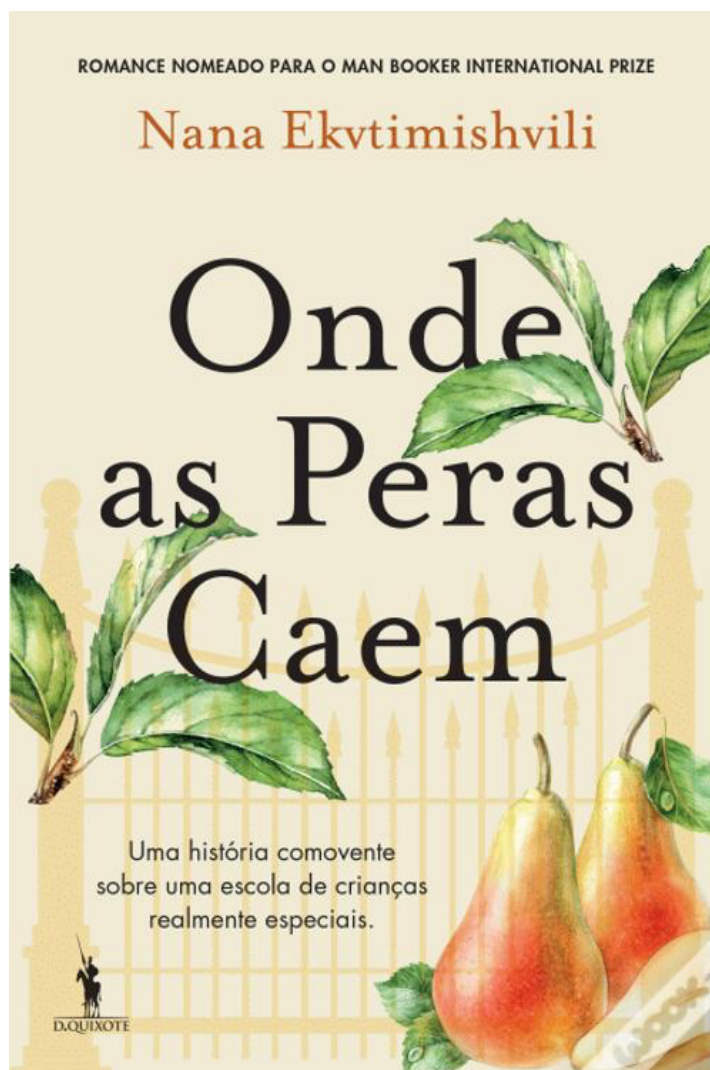
Onde as Peras Caem

Nana Ekvimishvili nasceu em 1978 em Tbilisi, na Geórgia. É escritora e realizadora, tendo estudado guionismo e teatro em Potsdam-Babelsberg. *Onde as Peras Caem* (2015) é o seu primeiro romance, cuja estreia em Portugal se fez sentir somente em maio (2022). Em 158 páginas a autora surpreende-nos com o seu talento, argúcia e precisão do pensamento, o que se traduz numa prosa cirúrgica, aparentemente simples, mas não menos dilacerante. Estes atributos valeram-lhe o prémio de melhor romance georgiano (2014-2015), o Saba Literary Prize, o Litera Prize, bem como a nomeação para o Man Book International Prize.

O cenário desta história é uma Geórgia recém-independente. Nos arredores de Tbilisi, fica a conhecida Escola dos Idiotas – uma instituição que acolhe órfãos e crianças com algum tipo de deficiência mental. O termo idiota comporta a ideia de alguém que se mostra incapaz de coordenar ideias, denotando estupidez e, por isso, alvo de chacota e de desdém. Porém, a crueldade que reveste este termo não faz jus à realidade de tal morada, pois a maioria das crianças que lá vive foi simplesmente abandonada por alguém que não as queria.

Esta é a história de Lela e Irakli, mas também de Sergo, Koba, Zaira e Levan. O número de nomes que aqui se destaca demonstra a multiplicidade de crianças que por lá passaram, denunciando assim o abandono, o abuso e a negligência. Prova disso é a seguinte passagem: *Lembra-se de uma outra vez, no corredor ao lado do ginásio, quando Vano a barrou e lhe agarrou na mão, levando-a para o ginásio e obrigando-a a despir-se. Quando era pequena isso acontecia muitas vezes: Vano descobria, agarrava-lhe na mão e lavava-a para um sítio qualquer. Ela não gostava, mas ia na mesma. (...) Quando Lela começou a ficar mais crescida, Vano deixou de a levar para a sala de aula ou para os balneários. Agora, quando Lela olha para ele, às vezes pensa que talvez nunca tenha acontecido, que talvez aquele Vano só tenha existido nos seus pesadelos.* Porém, a frase em que Lela profere *Tenho de matar Vano* ressalta a verdade de tais acontecimentos, prendendo-a àquela instituição que, por sinal, lhe garante um lugar e uma identidade.

É, pois, nesta sensibilidade fundada na banalidade do horror, medo e desprezo que Nana Ekvimishvili dá voz àqueles que em silêncio gritam: “Porque me fazem isto?”. Recordando o conforto das palavras de Simone Weill, podemos dizer que, no



fundo de um coração humano, sempre que surge tal lamento infantil, há certamente injustiça. Ora, com Nana Ekvimishvili essa injustiça é vivida de dentro. A dor surge nua, não vestida, e a carne do leitor estremece. Por esse motivo, esta obra tem a qualidade pouco comum de conter uma experiência autêntica de uma vida outra, estrangeira, em que os esquecidos, os idiotas, os imbecis vivem e sobrevivem enlaçados uns nos outros.

Enganam-se, no entanto, aqueles que esperam desta obra apenas mágoa e dissabores. Esta denúncia envolve também a parte profunda e infantil do coração a que chamamos esperança, pois apesar de toda a experiência dos crimes cometidos, sofridos e observados, cada rosto espera invencivelmente que lhe façam bem e não mal. De facto, não há ninguém nesta obra que não seja especialista em desejos e, curiosamente, isso coexiste com a beleza de toda a história e faz parte dela.